

23/11/85

Algo do que já foi feito

por Carlos Cardoso, da AIM

Dia 14, à tarde, a delegação visitante reuniu durante cerca de duas horas e meia com alguns directores provinciais de Sofala mais envolvidos nos programas de apoio à Gorongosa.

Anteriormente, ficara assente que não se apresentariam projectos concretos de apoio antes da visita à Gorongosa. A reunião destinava-se, fundamentalmente, a uma apresentação da situação geral do distrito da Gorongosa.

Em todo o distrito, diz o último censo populacional, há cerca de 70 mil pessoas. Segundo o Delegado do Procurador da República em Sofala, António Namburete, na vila de Gorongosa, sede do distrito, vivem umas 13 mil pessoas. Mais dez mil butras acorrem já aos centros de recepção e acomodação instalados em diversos pontos do distrito após a tomada da Casa Banana.

Neste momento há quatro centros de acomodação: um em Mucodza, a 12 km da vila, já com cerca de 5000 pessoas; outro em Tsiquiri, a 9 km da vila, com 1407 pessoas até ao dia 14 deste mês; um outro em Nhamadzi com cerca de 2000 habitantes; e o centro de Pungoê com mais de 1000 pessoas. Estes dois últimos distam 32 e 23 km da vila, respectivamente.

Há também um centro de recepção, chamado «de Fevereiro», situado na sede do distrito. Muitas das pessoas que vão chegando passam primeiro por este centro, onde recebem os primeiros apoios (comida, roupa e sabão, entre outros produtos), antes de partirem para um centro de acomodação.

Neste momento não se sabe quantas pessoas estão ainda a viver em áreas afectadas pelo banditismo, quer sob o controlo directo dos bandidos, quer em povoações vigiadas pelos «mudjilas» (informadores) — nomeadamente, na serra da Gorongosa e noutros pontos do distrito. Há também muita gente que fugiu do distrito para Caia, no norte de Sofala, e Catanduba, na província de Manica.

Ainda segundo António Namburete, a grande maioria das pessoas chegadas aos centros é composta por velhos, mulheres e crianças; cerca de 15% são homens entre os 20 e 40 anos.

Uns 20% dos «recuperados» — nome por que são conhecidas estas pessoas — apresentam problemas de malnutrição, principalmente crianças. Mas o problema principal é a nudez: a imensa maioria dos «recuperados» apresenta-se coberta apenas com casacas de árvores quando chega aos centros, com várias doenças da pele.

O problema da malnutrição, nas zonas de origem, seria maior se os camponeses não escondessem dos matsangas parte da sua comida. Por outro lado, muitos camponeses viviam da caça, também. Os que não sabiam caçar com arco e flecha ou construir

ratoeiras, trocavam cereais por carne, ocasionalmente.

De acordo com o Director Provincial do Plano, Luis Silva, as principais acções de apoio já desenvolvidas foram o abastecimento de comida e vestuário, assim como de sementes e instrumentos de produção (enxadas, machados, catanas e foices). Já foram distribuídas mais de 30 mil enxadas e catanas.

«Trata-se de garantir a sobrevivência das pessoas até à próxima colheita», frisou.

Foram também distribuídos alguns artigos de higiene, principalmente sabão, um produto que a maioria dos «recuperados» não via há anos.

Para as pessoas já instaladas nos centros de acomodação, a actual prioridade é a abertura das machambas, pois as primeiras chuvas já começaram a cair. Elas próprias escolhem as melhores terras, as quais se segue a demarcação dos talhões.

As principais culturas da 1.ª época são o milho, a mapira e o amendoim. Ainda não chegaram sementes de amendoim. Na 2.ª época de cultivo (a partir de Fevereiro), começará a produção de feijão, girassol e hortícolas.

Como a primeira colheita só se dará em Abril, a actual prioridade das prioridades continua a ser o transporte de comida para a zona e a sua distribuição pelos centros.

«Que mais foi feito?»

O Governo Provincial de Sofala está já a contactar os antigos comerciantes do distrito para regressarem. São comerciantes que viram as suas lojas saqueadas pelos matsangas. Por outro lado, os seus camiões e carrinhas foram roubados ou destruídos pelos bandidos.

Na vila de Gorongosa há um arma-

zém privado, um da Comissão Nacional de revenção e Combate às Calamidades Naturais, outro da AGRICOM e algumas lojas. Mas em termos de distrito, a reabilitação da rede comercial só pode ser feita a longo prazo, conjugando a acção militar com o desenvolvimento do programa intersectorial.

A capacidade de armazenamento na vila é de 600 toneladas. Mas já se trabalha na reconstrução ou reabilitação de pequenos armazéns nos centros de acomodação. Onde o conserto de tetos esburacados não foi possível fazer até aqui — um perigo devido às chuvas torrenciais que estão a vir — optou-se pela utilização de barracas de lona, onde são provisoriamente guardados os produtos que vão chegando.

Está também em andamento a recolha de lona para a cobertura dos camiões que fazem o transporte das mercadorias para a Gorongosa.

Trabalha-se igualmente na recolha de materiais de construção, particularmente materiais de cobertura para as poucas casas de alvenaria e armazéns e palhotas.

Quando a situação é favorável, as pessoas vão às suas aldeias de origem buscar as coberturas das suas antigas palhotas e trozemas para os centros de acomodação.

Nestes centros já há enfermeiros ou agentes de medicina, e algumas parteras e agentes de Saúde Materno-Infantil, embora todo este pessoal de Saúde ainda não seja suficiente.

Uma das primeiras medidas tomadas no campo da Saúde foi a vacinação de todas as crianças que iam chegando aos centros; isto foi feito apesar dos problemas de refrigeração.

Para os centros foram também enviados professores. Muitas das crian-

ças vieram de zonas onde não havia escola e, portanto, trata-se de um ensino sem as bases doutras áreas onde as crianças que entram nas escolas já interiorizaram os rudimentares conceitos básicos como pale, nação, Moçambique, etc. Também há crianças que vieram de áreas onde o ensino era ministrado pelos matsangas e que aprenderam fundamentalmente, a ter medo da FRELIMO, das autoridades moçambicanas e de tudo que tivesse a ver com o mundo para lá das áreas restritas onde viviam. Isto existia principalmente em torno da Casa Banana.

Já há algum material escolar e os centros possuem escolas construídas com materiais locais.

Foram também enviadas algumas mantas. Das 11 700 mantas dos EUA, anunciadas como tendo chegado recentemente à Beira, apenas chegaram 5650. As que faltam já se encontram num navio que partiu de Itália e que deverá chegar brevemente a Moçambique. As mantas distribuídas até aqui pelo Ministério do Comércio Interno provêm de donativos anteriores.

No domínio das comunicações, já se fala, de novo, por telefone para a vila da Gorongosa, apesar de ainda haver quebras na linha.

Quanto às estradas, a que liga o Inchope à vila (73 km) tem partes em que o alcatrão foi arrancado por explosões de minas, assim como pontes danificadas. Há também árvores derrubadas e dispersas ao longo da estrada para dificultar a circulação. O trabalho de reconstrução dos troços danificados e das pontes parcialmente destruídas — estes já foram reconstruídos com troncos de árvores numa medida temporária —, é complementado por trabalho idêntico na estrada de terra batida que liga a vila à Casa Banana (cerca de 50 km). Nesta estrada há quatro pontes parcialmente destruídas, também já reconstruídas com troncos de árvores, num arranjo temporário.

Da vila para os centros de acomodação vai-se por estradas de terra batida, que serão quase intransitáveis dentro de semanas, quando chegar o pico das chuvas. Só por «Jeep» ou tractor se poderá passar, e mesmo assim, apenas umas três ou quatro horas após a queda das chuvas.

Por último, há a referir a criação de estruturas políticas e administrativas de base nos centros de acomodação. Estas resumem-se, por agora, a comissões de moradores, constituídas por «recuperados», que reúnem regularmente com as autoridades distritais e com as populações.

O programa de apoio à Gorongosa foi lançado a 28 de Setembro último. Portanto, o mínimo que se poderá dizer é que o trabalho até aqui realizado tem sido notável. E aquilo que ficou escrito nestas linhas está longe de ser uma descrição exaustiva do que já foi feito.



Centro de recepção «de Fevereiro»: os primeiros apoios